

ARQUEOLOGIA DA ESCRAVIDÃO EM PELOTAS

ANJOS, Giullia Caldas dos¹; FERREIRA, Lúcio Menezes²

¹Bacharelado em História, ICH/UFPEL, Bolsista IC FAPERGS, anjos.giullia@gmail.com; ²Prof. Dr. Adjunto ICH/UFPEL, Bolsista de Produtividade CNPq, luciomeneses@uol.com.br.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho se insere no contexto de uma pesquisa mais ampla intitulada “O Pampa Negro: Arqueologia da Escravidão na Região Meridional do Rio Grande do Sul (1788-1888)”. Este Projeto tem o objetivo de instituir uma linha de pesquisa a respeito desse tema na região meridional do Rio Grande do Sul, com ênfase na cidade de Pelotas. Na primeira parte do trabalho buscarei elucidar como se deu a formação do campo de Arqueologia da escravidão e tratarei de algumas questões referentes ao mesmo. Na sequência, tecerei uma breve síntese histórica a respeito da escravidão principalmente no Rio Grande do Sul e, especialmente, em Pelotas. Além disso, apresentarei os resultados preliminares do Projeto “O Pampa Negro” e discutirei, por fim, a relevância dos estudos nessa área para a sociedade em geral.

1.1 ARQUEOLOGIA DA ESCRAVIDÃO

O campo de Arqueologia da escravidão surgiu nos Estados Unidos a partir dos anos 1960. Foi nesse momento que investigando as ruínas das treze colônias e as *plantations*, arqueólogos históricos identificaram cultura material de escravos africanos. Num primeiro momento dedicaram-se à descrição dos artefatos encontrados (Singleton e Bograd, 1995). Nos Estados Unidos, a Arqueologia da escravidão expandiu-se consideravelmente chegando a ser um dos campos mais importantes da Arqueologia histórica.

Relacionado com o surgimento do campo, está a noção de que os movimentos civis dos anos 1960 apoiaram-se nas tradições de resistência escrava (Leone, 1995) e na ideia de que a Arqueologia deveria voltar-se para minorias étnicas (Schuyler, 1979). Um dos principais temas abordados nesse sentido é a chamada diáspora africana, ou seja, o estudo e mapeamento da rede triangular do tráfico de escravos que ligou a História dos povos da África, Europa e América (Posnansky, 1984). Assim, é possível compreender as variadas nuances cotidianas dos contextos sociais e culturais dos escravos.

No Brasil, o tema que recebe mais destaque nos estudos existentes é a resistência escrava. Dessa forma, as principais investigações foram desenvolvidas em diversos quilombos. Recentemente, dois pesquisadores brasileiros variaram o foco da Arqueologia da escravidão no Brasil. Luís Cláudio Pereira Symanski tem entre seus interesses de pesquisa a Arqueologia da diáspora africana e juntamente com Marcos André Torres de Souza realizou trabalhos que tratam sobre a questão da visibilidade e preservação do registro arqueológico escravo (Symanski e Souza, 2007). Também analisam a Arqueologia da paisagem em engenhos de Mato Grosso e Goiás, assim revelando a cultura material escrava, os modelos de escravidão e as práticas religiosas de origem africana (Symanski, 2007; Souza, 2007). É importante destacar, por fim, que não obstante a existência desses exemplos, ainda são escassos os trabalhos em Arqueologia da escravidão no Brasil.

1.2 SÍNTESE HISTÓRICA

A escravidão é um aspecto marcante na História do Rio Grande do Sul. Porém, como aponta Assumpção, foi com a expansão da produção do charque, principalmente na região em que se insere a atual cidade de Pelotas, que se intensifica o uso deste tipo de mão-de-obra (1991, p. 119). A produção do charque começou, na região, com o português José Pinto Martins, que residia anteriormente no Ceará, o qual, devido às secas do final da década de 1770, e pelo conseqüente emagrecimento do gado nordestino, veio para o sul instalando-se às margens do Arroio Pelotas (Gutierrez, 2001, p. 119; Maestri, 1993, p. 40). A partir de então, esta cidade assume a condição de principal centro charqueador, atividade esta convertida na base da economia gaúcha, tendo em Pelotas seu polo exponencial. Todavia, o grande problema da produção do charque era a mão de obra, pois o trabalho, sendo extremamente duro – principalmente de novembro a maio – não era nada atrativo para os *homens brancos* (Assumpção, 1991, p. 120). Nesse contexto, o uso da mão-de-obra escrava era essencial, senão inevitável.

No que diz respeito à proveniência é extrema a dificuldade em delimitar a origem dos escravos chegados, tendo em vista, por exemplo, que muitas vezes o que constava era o local de embarque na África (Maestri, 1993, p. 31; Berute, 2006, p. 70). Ainda assim, os locais que prevalecem nos diversos registros são a África Ocidental (mina, nagô) e a África Central-Atlântica (angola, congo, cabinda, etc.) (Berute, 2006, p. 73; Assumpção, 1991, p. 124). Quanto ao sexo, esta é a informação mais completa referenciada na historiografia. Os escravos importados no Brasil eram majoritariamente do sexo masculino, fato que se percebe também na historiografia regional e local (Berute, 2006, p. 57; Assumpção, 1991, p. 122).

2 METODOLOGIA E DISCUSSÃO

De forma a desenvolver o trabalho, foi realizada uma revisão bibliográfica sobre a produção científica a respeito do tema de arqueologia da escravidão nos Estados Unidos, a partir de diversos trabalhos (Fountain, 1995; Galloway, 2006; Gijanto, 2007; Hall e Silliman, 2006; Palus, Leone e Cochran, 2006; Orser, 1997; Posnansky, 1982a, 1982b; Samford, 1996; Silliman, 2006; Singleton, 1995) e, com base em alguns estudos, no Brasil (Souza, 2007; Symanski, 2007).

Afora a síntese bibliográfica a respeito do tema de Arqueologia da escravidão, também foi realizada uma revisão da literatura historiográfica sobre a escravidão no Brasil, principalmente no Rio Grande do Sul e Pelotas, a partir de diversos trabalhos (Maestri, 1993; Weimer, 1991; Pessi, 2008; Schwartz, 1983; Reis, 1989; Machado, 1987; Berute, 2006; Assumpção, 1991). Outras referências para o estudo abordam o desenvolvimento da economia charqueadora associando-o à formação da cidade de Pelotas (Aguiar, 2009; Ognibeni, 2005; Gutierrez, 2001).

Essa imersão serviu de base para realizar a pesquisa documental em arquivos, a leitura de obras de naturalistas e cronistas, além de trazer informações bastante relevantes - ainda que escassas e fragmentadas - como apontamentos sobre a demografia escrava. Também serviu como aporte para contextualizar o objeto da investigação arqueológica propriamente dito, qual seja, a Charqueada “Santa Bárbara”. Como ferramenta auxiliar na investigação histórica e arqueológica e de forma a elucidar os dados obtidos, está sendo feito o uso de SIG ou GIS

(Sistemas de Informação Geográfica). Para tal, foram usados como referência, os trabalhos de Rebellato e Freitas (2010), Gonçalves (2011) e Gregory (2005).

A pesquisa ainda se encontra em processo de desenvolvimento. Desta forma, apresento aqui o que foi feito até o momento dentro das diversas atividades realizadas no Projeto “O Pampa Negro”. Está sendo realizado um exaustivo levantamento documental pela equipe do Projeto. Para tal, estamos analisando os Jornais: *Diário de Pelotas*, *Onze de Julho*, *A Discussão* e *Paiz*. Também estão sendo transcritos os documentos e correspondências referentes à escravidão, encontrados na Biblioteca Pública Pelotense. Outra atividade que vem sendo desenvolvida pela equipe é a transcrição parcial das Atas da Câmara, recolhendo-se informações sobre as charqueadas e escravos.

Além disso, também estão sendo lidas as obras de Naturalistas e Cronistas, de forma a coletar a visão de viajantes a respeito do nosso objeto. Ademais, a partir da publicação dos Livros de Compra e Venda de Escravos, foram recolhidas e sistematizadas as informações referentes à cidade de Pelotas. Por fim, no que tange ao levantamento documental, foram sistematizadas as informações obtidas nos Censos realizados na Província de São Pedro no século XIX. Por fim, outro tipo de atividade realizada foi o levantamento topográfico do objeto da investigação arqueológica até o momento, ou seja, a Charqueada “Santa Bárbara”.

3 CONCLUSÃO

Embora existam estudos relevantes sobre a escravidão, no âmbito local ainda são escassos os trabalhos sobre o tema, tendo em vista que Pelotas concentrou, em alguns momentos, o maior número de escravos no Rio Grande do Sul. Os dados apresentados pela historiografia regional e local já legitimariam a existência de uma linha de pesquisa em Arqueologia da escravidão na cidade de Pelotas. Dessa forma, o Projeto e os trabalhos subsequentes são de extrema importância, pois é uma maneira de permitir a visibilidade aos escravos que formaram uma parte significativa da população. Trata-se de uma realidade paradoxal se tivermos em mente que o apogeu da cidade de Pelotas se fez a partir da riqueza produzida pelo uso do braço negro.

4 REFERÊNCIAS

AGUIAR, Marlise Sanhotene de. **Um olhar sobre o palimpsesto urbano**: processo de formação e diferentes construções no tempo de um patrimônio arquitetônico às margens do Canal São Gonçalo (Pelotas/RS). 2005. 153f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, PUC-RS, Porto Alegre.

ASSUMPÇÃO, Jorge Euzébio. O negro nas charqueadas pelotenses. In: TRIUMPHO, Vera (Org.). **Aspectos da Negritude**. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1991, p. 117-127.

BERUTE, Gabriel Santos. **Dos escravos que partem para os portos do sul**: características do tráfico negreiro do Rio Grande de São Pedro do Sul, c. 1790-c. 1825. 2006. 201f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UFRGS, Porto Alegre.

FOUNTAIN, Daniel L. **Historians and Historical Archaeology: Slaves Sites**. In: **Journal of Interdisciplinary History**, Vol. 26. No. 1, 1995, p. 67-77.

- GONÇALVES, Célia. Os SIG como ferramenta pragmática na pesquisa arqueológica. In: Encontro Nacional de Estudantes de História, 6, 2011, Lisboa. **Anais do...** Lisboa: Universidade de Lisboa, 2011.
- GREGORY, Ian. N. **A place in history**: A guide to using GIS in historical research. Disponível em: < <http://www.ccsr.ac.uk/methods/publications/ig-gis.pdf>>. Acesso em: 26 de maio de 2011.
- GUTIERREZ, Ester J. B. **Negros, charqueadas & olarias**: Um estudo sobre o espaço pelotense. Pelotas: Ed. Universitária, 2001. 250p.
- HALL, Martin; SILLIMAN, Stephen W. (Eds.). **Historical archaeology**. Oxford: Blackwell Publishing, 2006.
- MAESTRI, Mário. **O Escravo Gaúcho**: Resistência e Trabalho. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1993.
- LEONE, M. A Historical Archaeology of Capitalism. **American Anthropologist**, Vol. 97, No. 2, p. 251-268.
- OGNIEBI, Denise. **Charqueadas pelotenses no século XIX**: cotidiano, estabilidade e movimento. 2005. 274f. Tese (Doutorado em História das Sociedades Ibéricas e Americanas) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, PUC-RS, Porto Alegre.
- POSNANSKY, Merrick. African Archaeology Comes of Age: In: **World Archaeology**, Vol. 13, No. 3, Regional Traditions of Archaeological Research II, 1982, p. 345-358.
- POSNANSKY, Merrick. Toward an Archaeology of the Black Diaspora. In: **Journal of Black Studies**, Vol. 15, No.2, 1984, p. 195-205.
- REBELATTO, Martha; FREITAS, Frederico. Desafios e possibilidades ao uso de Sistemas de Informação Geográfica na História. In: Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional, 5, 2011, Porto Alegre. **Anais do...** Porto Alegre: UFRGS, 2011.
- SAMFORD, Patricia. The Archaeology of African-American Slavery and Material Culture. In: **The William and Mary Quarterly**, Third Series, Vo. 53. No.1, Material Culture in Early America, 1996, p. 87-114.
- SCHUYLER, Robert. L. **Archaeological Perspectives on Ethnicity in America**. New York: Farmingdale, 1979.
- SINGLETON, Theresa A. The Archaeology of Slavery in North America. In: **Annual Review of Anthropology**, Vol. 24, 1995, p. 119-140.
- SINGLETON, Theresa A.; BOGRAD, Mark. D. The Archaeology Africa Diaspora in the Americas. **Guides to the Archaeological Literature of the Immigrant Experience in America**, No. 2. Tucson, Arizona: Society of Historical Archaeology, 1995.
- SOUZA, Marcos A. Tomé de. Uma outra escravidão: a paisagem social no Engenho de São Joaquim, Goiás. In: **Vestígios**, 1, 2007, p. 59-92.
- SYMANSKI, Luís C. P. O Domínio da Tática: Práticas Religiosas de Origem Africana nos Engenhos da Chapada dos Guimarães. In: **Vestígios**, 1, 2007, p. 9-36.
- SYMANSKI, Luís C. P.; SOUZA, Marcos A. Tomé de. O registro arqueológico dos grupos escravos: questões de visibilidade e preservação. In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, 33, 2007, p. 215-143.
- WEIMER, Günter. **O trabalho escravo no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1991.